

REFLEXÃO FINAL

Sociologia da Educação

Agora que se aproxima o final do ano e o final da passagem académica pela faculdade, olho para o que ficou para trás e recorro a uma imensidão de experiências, vivências e aprendizagens, que, seguramente me ajudarão a construir a próxima e grande etapa de vida - o caminho profissional no ramo da educação.

Do grande conjunto de conhecimentos que adquiri, devo confessar que a cadeira de sociologia da educação foi uma das que repercutiu maior interesse, e, acredito, que será uma das que mais me ajudará no confronto com a realidade do universo escolar.

Assumindo retoricamente o papel de futura professora, vou tentar olhar com estes olhos para o mundo imenso que é a escola, e tentar reflectir as principais ideias que reti das “largas” horas em que ouvimos falar de sociologia este ano.

Será então pertinente iniciar a minha reflexão com a introdução aos principais conceitos que formulam a sociologia. Assim, entende-se por sociologia a ciência que estuda as sociedades humanas e os processos que interligam os indivíduos em associações, grupos e instituições. A sociologia para além de comportamentos, estuda também ideias e opiniões sobre as mais diversas dimensões sociais e o modo como estas dimensões afectam a vida e as inter-relações comunitárias. Esta ciência procura então abordar entre outros temas, a cultura do meio, o próprio meio onde se inserem os indivíduos, a sociedade e as suas interacções, os factores familiares conjugados com as suas problemáticas e educações, o nível de rendimento e sustentabilidade, a raça, o credo, as tradições, o género, e todas as componentes dependentes de variáveis sociológicas.

Apesar de se tratar de uma ciência, a sociologia não se define como uma ciência experimental. Uma vez que o objecto de estudo são os comportamentos humanos, que para além de influenciáveis são singulares, torna-se extremamente difícil controlar e manipular atitudes de modo dedutível. Assim, as técnicas preferencialmente utilizadas através das quais a sociologia atinge o “método experimental” são a prática de inquéritos, questionários, entrevistas, observação directa e/ou observação directa participante.

A sociologia para a educação encontra a sua importância no assento de uma retórica de propensões e orientações. Pelo facto de não formular verdades absolutas, mas tendências, promove uma expansão de possibilidades de atitudes e o alargamento de ópticas comportamentais como forma de ampliar prospecções e análises concludentes de parâmetros distorcidos de comportamentos dentro da sala de aula. Irá assim facilitar, em muito, certas abordagens em situação inerentes ao contexto escolar de carácter não intuitivo.

A acção, enquanto professor, tem em conta um número vasto de variáveis sociológicas e componentes diferenciadas para lá daquelas que nos surgem enquanto indivíduos pertencentes a um núcleo social. É assumindo um carácter dinâmico, atento, desprendido, e cooperativo que devo desenvolver a minha atitude, contudo a sociologia, enquanto disciplina, não dará um conjunto de receitas e metodologias de atitude, dará de modo

subjectivo as tendências demarcadas por largos anos de investigação. Essas tendências demonstram uma linhagem de conjecturas, que mesmo não aplicáveis em determinados casos, poderão ser bastante pertinentes para compreender certos problemas.

A natureza não empírica associada a esta ciência, isto é, o facto de não ser uma ciência totalmente conquistada, construída e verificada, torna a sua concepção um tanto retórica, o que promove a existência de obstáculos, que de algum modo, podem influenciar negativamente o estudo e o conhecimento sociológico. Esses obstáculos colidem com três definições principais: o naturalismo, o etnocentrismo e o individualismo. O primeiro conceito reporta-se á ideia que, no comportamento, o que é intrínseco à natureza humana prepondera a par do impacto sociológico e cultural. O etnocentrismo encontra a sua dissemelhança com a sociologia na medida em que não dissipa o olhar próprio e individual do que é nosso relativamente ao que é dos outros. Remetendo-nos à cultura sociológica, o etnocentrismo encara a cultura dos outros à luz da própria cultura, o que sem dúvida vai interferir no comportamento. Por último, o individualismo, encontra a sua oposição com o social, uma vez que repercute ao sujeito individual, a total responsabilidade do seu comportamento.

A fluência do social, remete-nos a um conjunto variado de concepções e termos de onde podemos desprender o termo socialização. Este remete-nos a um processo através do qual um individuo interioriza os elementos sócio-culturais do seu meio, integrando-os na estrutura da sua personalidade. Dependente do processo de socialização, está a construção de uma identidade individual traçada conforme os contextos interaccionais (entre membros da família, amigos e também entre os agentes escolares onde eu irei ser um actor preponderante) e dependente de uma dimensão longitudinal, que retracta a trajectória de vida de cada indivíduo. Esta dimensão de identidade arquitecta-se num processo de identificação e de diferenciação com os outros, e é compreendendo esta identidade grupal que se rebusca a identidade individual, e é no conhecimento e no respeito desta identidade que melhor se molda a actuação de um professor.

À identidade grupal, chamamos cultura, contudo, este termo reflecte algo um tanto complexo e um pouco relativo, uma vez que existem uma multiplicidade de culturas e muitas vezes existem culturas dentro de outras culturas. Este aspecto é bastante importante uma vez que é na tentativa de compreender o maquinismo de determinadas culturas, que podemos perceber determinados comportamentos.

O conceito cultura remete-nos assim, a conhecimento compartilhado. Trata-se de um “sistema organizado de símbolos” que dirige o comportamento humano e é compartilhado pelos membros de uma dada sociedade ou grupo social, por isto, reporta-se à capacidade e necessidade que os seres humanos têm de aprender, de simbolizar as suas relações e de constituir as suas identidades.

Partindo desse conceito, pode-se dizer que os grupos sociais constituem muitas formas de simbolizar o mundo, por isto podemos falar em culturas no plural ou diversidade cultural.

Analisando alguns aspectos da realidade actual, e sob olhar generalizado, é concordante afirmar-se que cada vez mais, a comunidade global se sente iludida por uma transparência social. Pensamos que todos os grupos devem ser olhados de igual forma e por vezes esquecemos que são as suas diferenças que os demarcam. Por vezes também esquecemos que é implícito, na realidade social e associado às diferenças entre culturas, a intuição

estereotipada do e no ser humano. Assumindo esta realidade, interessa saber como lidar com todos os problemas que possam surgir. É na tentativa de evitar criar mais estereótipos e de generalizá-los como se tratassem de uma inevitabilidade, e é na tentativa de compreender e aceitar as muitas variadas culturas, que a sociologia procura reconhecer os problemas e agir de modo a ultrapassar a barreira que os distancia do processo social.

A sociologia da educação surge como disciplina no séc. XIX acompanhando a evolução escolar como forma a dar resposta a um desafio de modernidade. A necessidade de se questionar sobre os comportamentos dos indivíduos parece ser reconhecida por Emile Durkheim, Max Weber e Karl Marx.

Para compreender a influência que a sociologia importa na educação, será pertinente introduzir um contexto histórico-cultural da evolução do sistema educativo português. Esta evolução comporta fundamentalmente duas etapas que em muito influenciaram o contexto social. Foi em 1974 com o emergir da chamada escola de massas em detrimento da escola de elites. A “massificação escolar” resultou assim da manutenção das características de uma escola selectiva para o seu alargamento à população total, e como tal, acentuadamente heterogénea. A esta democratização de oportunidades escolares e assumpção da escola como não selectiva, junta-se uma concepção de educação, e consequentemente de finalidades e de sucesso educativo, como desenvolvimento e valorização do aluno (como individualidade) e na multiplicidade de vertentes e dimensões em que se constrói e realiza. Assim, de uma igualdade de oportunidades garantida pela igualdade de acesso, pare-se para uma igualdade de oportunidades consubstanciada também pela igualdade de sucesso.

Uma das marcas resultantes desta evolução, foi a diversificação dos públicos sociais que directa e indirectamente promoveram a ascensão da desigualdade social, uma vez que a escola era agora um espaço heterogéneo deixou de ser um instrumento importante para que todos construíssem uma identidade comum e passou a ser um espaço de construção de identidades diversificadas e consequentemente, desiguais. Esta conexão que associa a igualdade de oportunidades a desigualdades sociais comporta problemas relativos a discriminações por etnicidades, por géneros e por classes sociais, entre outros. O confronto com estes problemas são constantes no universo escolar e será fundamental perceber a sua concepção para compreender as suas causas e efeitos.

Diversidade, pluriculturalidade, multiculturalidade entre outras designações similares são usados para destacar as diferenças ou características singulares que os grupos sociais possuem quando comparados entre si. A diversidade culmina também com o seu contrário, a monoculturalidade, que, por sua vez, omite processos de disputas entre culturas diferentes pois a predominância de uma cultura implica que as demais sejam esquecidas.

As desigualdades estão ligadas à condição económica. Partilhamos da mesma sociedade, mas a verdade, é que cada um vive conforme o salário que recebe. Somos sócios da mesma realidade, contudo, existem sócios majoritários e minoritários. Esta é a sociedade de classes sociais que hierarquiza as pessoas conforme a quantidade de bens materiais. Diferenças culturais e condição de classe social são categorias que não se excluem e devem ser focalizadas de modo inseparável, assim, classe social e situação cultural fazem parte de uma totalidade, onde as diferenças são transformadas em desigualdades.

Quando falamos em desigualdades, estas comportam também as diferenciações étnicas. Entende-se por etnia ou grupo étnico, um grupo de indivíduos com um conjunto de

características culturais e ou biológicas próprias que o distinguem de outras comunidades. Estudamos na aula com maior ênfase a etnia cigana, bastante controversa uma vez que assume princípios rígidos relacionados com a inserção na escola. O confronto com uma situação que aborde este problema, se alguma vez me cruzar com ele, deverá circunscrever a compreensão e a indução das suas causas, não desvalorizando o contexto cultural, acredito que devo lutar pelo desenvolvimento individual do aluno e pelos seus próprios objectivos.

Associado também à etnia cigana, alonga-se o problema da desigualdade de géneros, contudo esta variável é bem mais real, uma vez que a nossa cultura ainda vive o assombro da discriminação sexual. Por género, entende-se a construção social que rodeia um indivíduo e que é determinado pelo sexo, isto é, trata-se de um dispositivo simbólico e categórico, criado culturalmente, transformado historicamente e sustentado socialmente, que interfere directamente nos usos e na organização interna do papel do indivíduos na sociedade.

Ainda que, de certo modo dissimulada, a discriminação por géneros existe e é uma tendência nas escolas. Há quem assuma inclusive, que a escola adopta estratégias deliberadas que expressam e incentivam o papel feminista. Há quem aceite a existência de uma maior proximidade entre as características comportamentais femininas e as estratégias exigidas pela escola. Que existem diferenças nítidas entre as personalidades de raparigas e rapazes, penso que, para além de genético, é do senso comum, contudo não podemos adoptar esta evidência de modo pejorativo ou discriminatório; é fundamental e necessário enfrentar de igual cada indivíduo e respeitar a sua individualidade.

O conjunto agrupado, ou não, destas formas de expressar a desigualdade colidem também com temas que na nossa sociedade se têm tornado cada vez mais polémicos, como são, entre outros, a violência nas escolas e a indisciplina no contexto da sala de aula. Não podemos confundir estes dois conceitos, indisciplina e violência não são termos que vão de encontro com a mesma definição. São problemas bem distintos, que não podem ser confundidos. O comportamento violento distingue-se pelo impacto negativo, tanto físico como emocional, que tem sobre aqueles a quem se dirige, ou seja, a violência implica a intenção deliberada de causar dano a outrem e, neste sentido, representa um problema disciplinar específico das escolas.

A violência na escola traduz-se numa grande diversidade de comportamentos anti-sociais que podem ser desencadeados quer por alunos quer por outros elementos da comunidade escolar. É um fenómeno de carácter multifactorial, com diferentes expressões e múltiplas causas, em cuja prevenção, a escola tem um poderoso impacto. Estes problemas são, normalmente, associados quer a baixos níveis de tolerância quer a dificuldades no desenvolvimento moral e na auto-estima das vítimas e dos agressores.

O problema do "bullying" pode ser visto como um aspecto particular da violência na escola e define-se pela existência de uma relação assimétrica de poder entre alunos. Convém também fazer referência a outros tipos de violência que afectam a escola, os grupos organizados ou gangs. Nestes casos, as causas parecem estar, normalmente, associadas a problemas económicos, sociais e étnicos, como, famílias disfuncionais e destruídas, pobreza, racismo ou outros tipos de discriminação. Portanto, com toda a paciência, que a questão é complexa e o campo armadilhado, mas com determinação, penso tentar construir

o equilíbrio necessário, de modo a superar a dicotomia rudimentar entre a desautorização, cada vez mais evidente, do professor e a estigmatização dos alunos. A resposta educativa deverá ser uma resposta de integração e não de exclusão, de qualificação e não de repressão.

O drama do insucesso escolar, do abandono e do nível de literacia dos alunos, são problemas relativamente antigos mas que de súbito se tornaram dramáticos na sociedade contemporânea, e são outros dos parâmetros a reter quando falamos de desigualdades sociais. O foco da questão, reside no facto de que aquilo que antigamente eram causas atribuídas ao foro individual dos alunos, como a falta de interesse e a preguiça, assumem-se actualmente como um fracasso de toda a comunidade escolar. É na listagem destas causas que aparecem as maiores controversas, uma vez que o próprio combate a esta realização pressupõe que se identifiquem também os seus responsáveis, e a grande dificuldade destas análises, reside na impossibilidade de se isolar as causas que são determinantes em todo o processo.

A sociologia, pode contudo apontar um número relativo de causas ditas responsáveis pelo insucesso educativo e pelo abandono escolar, e podem dividir-se em três grandes grupo: razões de ordem familiar, social e económica, e ainda de ordem escolar e curricular. Como exemplos de alguns factores, tem-se: os currículos pouco adaptados à realidade e que não dão resposta às necessidades dos alunos; a desvalorização da escola; a carência formal de valorização de cursos de formação profissional; os problemas entre professores e colegas; os maus resultados; a falta de motivação e interesse dos alunos para a escola; a disfuncionalidade das famílias; as más condições sociais em que algumas famílias vivem e consequentemente o recurso ao trabalho infantil e a falta de acompanhamento familiar à criança, entre outras causas circunscritas a um universo social bastante amplo.

Uma vez reflectida, penso conseguir levar toda esta ideologia ao encontro da realidade do universo escolar. Não sei se o percurso vai ser custoso, se irei gostar ou não, se me irá realizar ou não, sei contudo que a motivação inicial que me contém e me conduziu até aqui está bem guardada e busca sobreviver.

A Sociologia explica o que parece óbvio a pessoas que pensam que é simples, mas que não compreendem quão complicado é realmente.

RICHARD OSBORN

Trabalho realizado por:
Joana Alves, nº. 16071

